

Democracia, pós-modernidade e imaginário [entrevista com Michel Maffesoli]

Democracy, postmodernity, and imaginary [Interview with Michel Maffesoli]

REVISTA
com política

Revista Compólitica

Ano 2024, v.14, n.1

<https://revista.compolitica.org/>

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2024.14.1.671

Arthur Freire Simões Pires

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
[Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul]

Soraya Damásio Bertoncello

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
[Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul]

Resumo

Entrevista realizada com Michel Maffesoli, um dos mais proeminentes nomes na história do pensamento pós-moderno e da discussão do imaginário. Considerando seu perfil provocador e seus vários estudos sobre as mudanças em curso no estágio em que vive a humanidade, perguntou-se a ele sobre questões contemporâneas da política ocidental (como os radicalismos, as notícias falsas e as teorias da conspiração) e também sobre como seu métier teórico se articula diante dos fenômenos atuais.

Palavras-chave: Michel Maffesoli; democracia; pós-modernidade; imaginário.

Abstract

Interview with Michel Maffesoli, one of the most prominent names in the history of postmodern thought and discussion of the imaginary. Considering his provocative profile and his various studies on the ongoing changes in the stage of humanity, he asked himself about contemporary issues of Western politics (such as radicalisms, false news and conspiracy theories) and also about how his theoretical métier articulates in face of current phenomena.

Keywords: Michel Maffesoli; democracy; postmodernity; imaginary.

Democracia, pós-modernidade e imaginário

Entrevista com Michel Maffesoli

Arthur Freire Simões Pires
Soraya Damásio Bertoucello

O sociólogo francês Michel Maffesoli é, sem dúvidas, um dos mais proeminentes arautos do pensamento pós-moderno. Professor emérito da Université Paris-Descartes (Universidade Paris-Descartes, vulgo Paris V, Sorbonne) e diretor do *Centre de recherche sur l'imaginaire* (Centro de pesquisa sobre o imaginário) alcançou notoriedade, em especial, pelo desenvolvimento da Sociologia Compreensiva e Fenomenológica, inspirado por autores como Georges Bataille, Alfred Schütz e Georg Simmel. Autor de inúmeros títulos, destacam-se aqueles que versam sobre a mutabilidade social moderna e pós-moderna, bem como a não-linearidade dos tempos vividos atualmente, a saber: *A contemplação do mundo* (1995), *A transfiguração do político: a tribalização do mundo* (1997) e, talvez seu volume mais influente, *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (2006).

Influente na formação intelectual brasileira e francesa, tendo orientado importantes pesquisadoras(es) dos dois países, ele dedicou (e continua a dedicar) grande parte de sua carreira a compreender e descrever este novo período da humanidade, o qual, segundo ele, ainda infante, diferencia-se dos progressos sobretudo pelo rompimento em relação às referências estanques e aceitação de sua natureza subjetiva e múltipla. O pensador, à título de ilustração, entende existir uma “saturação do estado-nação e a emergência de uma entidade global”, pois, conforme sua arguição, este novo capítulo na história da humanidade requer que, de maneira paradoxal, pense-se sobre “o império e a tribo” (Maffesoli, 2008, p. 9).

Além disso, ressalta-se que, provocador, é também Maffesoli (2008) quem afirmou que, tendo a mídia como vetor, existem, com grande força, comoções generalizadas que contaminam as massas. O exposto leva a crer que, em face às questões que se veem postas à baila no xadrez político contemporâneo do Ocidente (a saber: a ascensão da extrema direita, as formas de desinformação etc.), faz-se necessário questionar o sociólogo francês sobre como seu *métier* teórico (isto é, a pós-modernidade e o imaginário) articula-se com os elementos elencados. Em entrevista realizada entre o

primeiro e o segundo turno da eleição presidencial brasileira de 2022, Maffesoli registra alguns posicionamentos, em certo sentido, inéditos, sem se desvincular, por óbvio, de sua matriz filosófica pós-moderna.

O senhor, em algumas ocasiões, declarou que o Brasil é uma espécie de laboratório da pós-modernidade em virtude da importância que os brasileiros dão ao convívio grupal, ao pertencimento coletivo, à vivência em tribos. Isso, por sua vez, contrasta com uma Europa ainda moderna, centrada no indivíduo. O mundo, no entanto, tem observado, principalmente na última década, um crescimento do totalitarismo no Brasil e a ascensão de políticos com discursos muitas vezes preconceituosos e egoístas. O Brasil falhou como pós-moderno ou essa mudança é uma característica de uma sociedade tão atrelada às emoções?

Difícil, eu não tenho muita vontade de falar de política. Não, não ter vontade não é a questão. É que eu não posso falar de política do Brasil Eu não conheço o suficiente. É isso. É esta palavra que me faz questionar, antes que eu responda: o que quer dizer totalitarismo no Brasil? É necessário ser um pouco mais específico, porque eu apenas posso responder se eu compreendo bem o que está por trás da palavra totalitarismo. Na realidade, o que vocês querem dizer com isso é o que Bolsonaro faz... Nossa, isso é chato de responder... Porque isso me faz intervir em um assunto em que não sou tão competente. Se eu entendi corretamente, no Brasil, existe a dimensão federal e depois a estadual. No Rio Grande do Sul é assim. Todavia, podemos dizer que é a mesma coisa? [Dizer que] por exemplo, aqui na esfera estadual existe totalitarismo? Ou está unicamente no federal? É necessário ser específico, mesmo assim... Na Ciência Política, a palavra totalitarismo é precisa, é muito pesado dizer “totalitarismo”. Quando existia, por exemplo, o totalitarismo comunista e o totalitarismo nazista na Europa, esses eram totalitarismos, quer dizer, onde não tinha liberdade alguma etc. Podemos dizer que no Brasil não há liberdade? Por isso que a palavra não me parece uma palavra adequada... é necessário ser prudente com ela. É tudo o que eu quero dizer: é necessário ser prudente. Então, dito isso, eu continuo a pensar o Brasil, e porque existe essa dimensão de tribo, de grupo, o *nós*, porque há o prazer do corpo, o fato que não escondemos o corpo, nós o colocamos em evidência etc. É isso. Para mim, os exemplos do que é e porque eu considero o Brasil o laboratório da pós-modernidade. Quer dizer, valorização do *nós*, valorização do corpo, valorização do prazer sobre esses divertimentos. Então, a questão, e isso cabe a vocês responderem, não a mim: isso é proibido agora? Não. Não podemos dizer isso ainda,

portanto, eu acredito que é necessário, ainda assim, manter a esperança. Vemos bem como certos políticos, que não nomearei, podem, de certa maneira, impor. Eu sei: aprendemos isso também na França, impor medidas que são quase totalitárias. Mas, ao mesmo tempo, o povo não resiste? Veremos nas eleições. É necessário fazer, eu faço isso, mas essa é a minha ideologia pessoal, eu sempre confio no povo. Eu creio que há uma sabedoria popular e que, de certa maneira, a sabedoria popular brasileira vai perdurar, vai continuar. Nós veremos bem. Mas mantenham a esperança.

Considerando o crescimento dos radicalismos, sobretudo os de extrema direita, como o professor entende a fase da política contemporânea no Ocidente?

Então, antes de tudo, sejamos claros: ainda assim, não existe apenas a extrema direita. Há também a extrema esquerda. Por exemplo, na França ou na Itália, países que conheço bem, certamente existe a extrema direita. Vemos na Itália, quem acabou de ganhar as eleições. Mas ao mesmo tempo, há uma forte presença da extrema esquerda. Nas últimas eleições na França, por exemplo, era metade-metade: o Rassemblement National (Reagrupamento Nacional) e, depois, este que se chama a NUPES (Nova União Popular Ecologista Nacional), isso quer dizer, o reagrupamento do La France Insoumise (A França Insubmissa) etc. Portanto, é necessário saber isso. Para mim, esses extremos, os dois, direita e esquerda, traduzem o fato de que, atualmente, do meu ponto de vista (e o que eu vou dizer é um pouco duro, e eu peço para vocês tomarem isso com prudência) é: sim, o fim do ideal democrático moderno. Quer dizer que o ideal democrático constituiu a modernidade. Esta grande dama que cito com frequência, Hannah Arendt, que é a filósofa que vivia nos Estados Unidos... ela que mostrou como se colocava na prática este ideal democrático. Eu posso dar a vocês um exemplo preciso pelo que conheço na França. Vocês, não é igual, porque o voto é obrigatório no Brasil, mas para nós o fenômeno da abstenção é enorme, 60% de abstenção! Então isso mostra bem que há dificuldades, quero dizer, que esse ideal democrático não funciona. Essa saturação leva ao desenvolvimento da extrema direita e da extrema esquerda. É uma resposta, eu diria, ao fato que, de uma certa maneira, não nos reconhecemos mais na grande e bela democracia. Simplesmente porque, como dizer, isso que se exige da democracia, quer dizer, dos políticos. A frase que eu disse, será necessário traduzir isso, o que eu digo: são democratas que não são demófilos. Compreendem o que isso quer dizer? Demófilo, isso quer dizer aqueles que amam o povo. Eles se dizem democratas, mas não são demófilos. [Na realidade são] demófobos. Por isso, o povo vai se refugiar na extrema direita ou na extrema esquerda. Na França, o

voto do Rassemblement National (Reagrupamento Nacional) é o povo. Mas também, uma parte do povo vai se encontrar na extrema esquerda. Eu escrevi um livro, traduzido por Juremir Machado da Silva, que se chama *A transfiguração do político* (2011), transfiguração do político quer dizer que a política está tomando outra forma e, como sempre nos períodos intermediários, é pelo melhor e pelo pior. Temos o pior nos extremos, mas há também do melhor na tomada de consciência, na reivindicação de uma nova política que, para mim será uma política que vai atentar ao bairro, à vizinhança, o que era em essência a *polis*! Em grego, a cidade-Estado. Nós estamos redescobrimo a ideia de cidade-Estado. Sei que o que eu disse é dificilmente traduzido em português, é “o lugar que constrói a ligação”. O lugar é o lugar, o território, e é a partir disso que há a ligação. É isso a política, é a ligação. Mas a ligação não é mais unicamente o Estado Federal, não é mais o governo da França, é a proximidade, a proxêmica. Aí está! Então, estamos em um momento de mutação, isso é tudo. É isso a pós-modernidade, é a mutação.

O que explica as notícias falsas e as teorias da conspiração? Elas também são resultado da pós-modernidade? Por quê?

Eu não gosto desse negócio de conspiração, de *fake news*. Eu considero que, atualmente, é o poder que taxa de conspiracionismo ou de *fake news* aquilo que não corresponde aos seus ideais. Eles têm muito medo da internet, muito medo das redes digitais, muito medo do Twitter... No entanto, ao mesmo tempo, na internet, nas redes, no Twitter etc. está, para mim, a verdadeira vida atualmente. O poder, contudo, vai qualificar isso de conspiracionismo. Eu desconfio dessa palavra. No fundo, o que vamos taxar de conspiracionismo é uma velha atitude, que é uma atitude da inquisição. Na inquisição, na Idade Média, era o poder que dizia que ia matar os judeus, os hereges e assim sucessivamente. Atualmente, é a mesma estrutura. Vamos chamar de conspiracionismo o que não corresponde ao poder. Então, é necessário desconfiar dessa palavra e desconfiar desta estigmatização. É sempre o poder que vai dizer o que é *fake news*, isso é conspiração, porque simplesmente, para mim, é pelo melhor e pelo pior. A internet, sejamos claros, considero que há também o pior, porém, ao mesmo tempo, há uma forma de liberdade e é esta forma de liberdade que vamos chamar de conspiracionismo. Aí está. Eu desconfio disso.

O que é o *imaginário*? Como ele se aproxima e se afasta de noções como ideologia e inconsciente coletivo?

Então, a ideologia, sim, se aproxima, todavia, não é a mesma coisa [que o imaginário]. O inconsciente coletivo, por sua vez, seria mais próximo, no meu ponto de vista. Isso quer dizer que o imaginário é simplesmente os sonhos, os fantasmas, os símbolos etc. De fato, eu estou razoavelmente de acordo com o termo inconsciente coletivo – que é um termo junguiano, não é freudiano. Pessoalmente, dado que sou discípulo de Gilbert Durant – e ele é junguiano, diferente de mim, pois li Jung, mas não posso dizer que sou junguiano – considero que esta ideia de inconsciente coletivo é muito interessante. É isso o imaginário, fundamentalmente. Quer dizer, qualquer coisa que não é simplesmente racional, que não se encaixa no que foi o grande racionalismo moderno. Isso era bem o racionalismo moderno. Não o vou criticar, mas isso funcionou, ainda que não funcione mais, de modo algum. Desta maneira, atualmente, em particular entre as gerações jovens, existe esse conjunto de coisas, repito: sonhos, fantasmas, fantasmagorias, podemos dizer uma quantidade de termos. Mas elementos, digamos, que são muito belos em si e, novamente, é necessário voltar à internet. Porque na internet, nas redes sociais, é onde muitos sonhos se exprimem. Então o imaginário é isso, é um pouco essa ideia fundamentalmente, e mantenhamos assim, eu estou razoavelmente de acordo, mantenhamos essa ideia de inconsciente coletivo.

Como podemos compreender a pós-modernidade dentro da concepção da Sociologia do Cotidiano? Quais são as suas críticas às teorias as quais reivindicam que nós, enquanto sociedade, já chegamos em um estágio posterior à própria pós-modernidade?

Este é um debate complexo. Eu acho que, para chegar ao fim, aqueles que consideram que estamos já em um estado posterior é porque nunca gostaram da pós-modernidade e, então, por isso, quando não gostamos de alguma coisa dizemos: “mas isso já está ultrapassado!”. Todavia, porque simplesmente eu não conheço o debate brasileiro, não sou competente o suficiente para julgar; no entanto, vejo isso na França, onde os intelectuais franceses nunca gostaram da pós-modernidade. Eles chamaram de modernidade tardia, segunda modernidade, modernidade “não sei o quê” e assim por diante. Quer dizer: eles queriam manter os valores modernos e isso quer dizer o racionalismo, o individualismo, o progressismo e, logo, como eles queriam manter isso, disseram: “o tema da pós-modernidade já é ultrapassado”. Eu não. Considero que estamos somente no começo da pós-modernidade, bem no

começo. Além disso, eu digo frequentemente que isso vai durar algumas décadas, mas, ao mesmo tempo, não podemos dar um nome, porque não podemos nomear o que estamos vivendo nos dias de hoje. A palavra pós-modernidade é um termo provisório, dado que não sabemos muito bem como nomear o que vivemos e, de uma maneira um pouco irônica, eu digo... encontremo-nos aqui daqui cem anos, fazendo o mesmo debate e lá teremos a palavra para dizer o que vivemos. Agora dizemos pós-modernidade porque é o mais fácil, é o fim da modernidade e isso é tudo. Para mim, entendo, às pessoas que dizem “isso já é ultrapassado”, eu digo para falar de maneira simples: “a casa está queimando, eles querem salvar os móveis”. É uma metáfora. A casa está queimando, então, os móveis também.

Referências

- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p. 5-9, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4409>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *Le temps des peurs*. Paris: Les éditions du Cerf, 2023.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

Nota

A entrevista, realizada na Escola de Comunicação, Artes e Design (FAMECOS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, contou com a participação da tradutora Luísa Freire.

Sobre o autor e a autora

Arthur Freire Simões Pires é Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS) e formado em jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: grohsarthur@gmail.com.

Soraya Damásio Bertoncello é Publicitária, jornalista, mestra e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES. Pesquisa futebol e modos de torcer, cultura popular, gênero, imaginário, publicidade social, análise do discurso e discursos midiáticos. E-mail: soraya.soraya@gmail.com.

Data de submissão: 21/04/2023

Data de aprovação: 10/07/2023